

**AMBIENTE DE TRABALHO E O DESENVOLVIMENTO DE DOENÇAS
OCUPACIONAIS: UM ESTUDO EM UMA FEIRA LIVRE**

ÁREA TEMÁTICA: Gestão de pessoas

Resumo: Considerando os variados riscos que feirantes passam em seu ambiente trabalhista, onde ficam constantemente expostos ao sol e calor muito forte, à chuva, ao frio, muita sujeira e risco de contaminações, além de fazerem movimentos repetitivos durante todo o tempo, entre outros inúmeros fatores de riscos à saúde. O objetivo da pesquisa foi investigar qual a relação entre ambiente de trabalho e tais doenças. Realizou-se, então, uma pesquisa qualitativa, que teve como método de coleta de dados a entrevista e a abordagem visual (produção de fotos). Verificou-se que os feirantes de Capela compõem um grupo heterogêneo quando trata de gênero, idade e escolaridade, enfrentam uma dura rotina na feira, estando vulneráveis a diversas situações que prejudicam a saúde, levando ao desenvolvimento de doenças ocupacionais, evidenciando que o ambiente de trabalho da feira livre de Capela/AL é um fator para o desenvolvimento de diversas patologias.

Palavras-chave: Doenças ocupacionais. Feirantes. Ambiente de trabalho.

Abstract: Considering the varied risks that marketers go through in their work environment, where they are constantly exposed to the sun and very strong heat, rain, cold, a lot of dirt and risk of contamination, in addition to making repetitive movements throughout the time, among other numerous factors health risks. The aim of the research was to investigate the relationship between the work environment and such diseases. Then, a qualitative research was carried out, whose method of data collection was the interview and the visual approach (photo production). It was found that the Capela market vendors make up a heterogeneous group when it comes to gender, age and education, they face a tough routine at the fair, being vulnerable to various situations that harm their health, leading to the development of occupational diseases, showing that the work environment work at the Capela / AL open market is a factor in the development of several pathologies.

Keywords: Occupational diseases. Market Vendors. Workplace.

Introdução

A feira livre nos remete a uma ideia inicial de uma aglomeração e movimentação de pessoas negociando compra e venda na rua, barracas com frutas, legumes, peixes e muito mais, sinalizando a importância que essa prática tem para a comunidade onde ela se encontra instalada.

De fato, historicamente a feira livre é tida como grande influenciadora no desenvolvimento econômico local e regional e possibilita aos feirantes o comércio de seus produtos, fazendo circular dinheiro dentro da cidade.

Além de seu papel na economia, a feira livre também assume influência social, pois as pessoas não vão à feira apenas para fazer as compras; lá elas constroem laços de amizade, relações de proximidade entre os indivíduos, tornando um espaço capaz de fazer com que muitos esqueçam por um instante dos problemas enfrentados no dia a dia.

Tomando a feira como local de trabalho, é possível observar uma dura rotina dos feirantes, com muitas horas desde o início até o final do expediente; alguns acordam cedo para ir à roça em busca da mercadoria que será comercializada na cidade, outros vêm de lugares distantes e passam horas viajando para poder montar a barraca e iniciar os trabalhos.

Além disso, a feira livre pode ser caracterizada como ambiente de exposição a ameaças à saúde e ao bem-estar de quem lá trabalha; não raro os comerciantes trabalham sujeitos à chuva, frio, temperaturas elevadas, falta de higiene no local de trabalho, o que pode levar ao desenvolvimento de doenças ocupacionais.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento de tais doenças pode ser explicado por Porte (2013), quando afirma que as doenças ocupacionais são originadas sob determinadas condições a que o trabalhador é exposto quando da execução do trabalho, ou seja, são desenvolvidas ou agravadas pela exposição a um ambiente que ofereça riscos à saúde (física, mental ou social) dos trabalhadores, tornando-os incapazes de trabalhar.

São muitos os tipos de doenças ocupacionais e variam de acordo com o fator condicionante para o seu desenvolvimento, podendo incluir, por exemplo, uma dor nos punhos até uma anomalia mais grave como é o caso do câncer de pele pela exposição ao sol intenso sem a devida proteção. Alguns exemplos dessas doenças podem ser citados, como as dermatoses, distúrbios causados por temperaturas extremas, distúrbios pelo excesso de sonoridade, lesão por esforço repetitivo (LER) ou doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho (DORT), entre vários outros tipos de doenças.

Todos esses aspectos levaram ao desenvolvimento deste trabalho, e ao aprofundamento na interseção de dois aspectos, quais sejam, a feira livre como ambiente de trabalho e o desenvolvimento das doenças ocupacionais nos feirantes. Visto isto, a presente investigação norteou-se pela seguinte indagação: de que forma as condições de trabalho na feira-livre da cidade de Capela/AL relacionam-se com o possível desenvolvimento de doenças ocupacionais pelos seus feirantes?

Por meio desta investigação poderá ser identificada se existe alguma relação entre o ambiente de trabalho em uma feira livre de Capela e o desenvolvimento de doenças ocupacionais pelos seus feirantes. Através de uma pesquisa sobre o tema, será possível a apresentação dos tipos de doenças ocupacionais mais comuns desenvolvidas em ambientes trabalhistas, e que essas pessoas podem chegar a desenvolver. O esforço aqui é trazer contribuições ao

corpo de pesquisas como as de Carvalho (2017), Rios, Vilela, Nery (2017), Ferreira et al (2009), mostrando a realidade de uma feira no nordeste brasileiro.

2 Algumas doenças ocupacionais desenvolvidas pelos trabalhadores

As doenças ocupacionais estão diretamente relacionadas com as condições de trabalho em que os trabalhadores estão submetidos, e trazem para aqueles que são afetados muitas consequências. Sobre isso, Costa (2007) argumenta que o mais grave problema de saúde do trabalhador é representado pelos acidentes de trabalho e as doenças ocupacionais e têm como possíveis consequências a incapacidade temporária, a incapacidade permanente, a redução de capacidade laborativa e até mesmo a morte.

2.1 Lesão por Esforço Repetitivo (LER) ou Distúrbios Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho (DORT)

De acordo com o manual técnico do Ministério da Saúde do Brasil (2001), o quadro clínico para LER/DORT tem muitas faces, com relação causa-efeito não direta, ou seja, vários fatores laborais e extralaborais são responsáveis para a ocorrência dessa patologia, tendo a obrigação de investigar-se com cuidado. Explicando o que são LER ou DORT, o manual técnico do Ministério da Saúde do Brasil (2012) relata que tanto um quanto o outro são danos causados por utilização excessiva do sistema musculoesquelético sem que ele tenha um tempo necessário para recuperação e se caracterizam pelos sintomas geralmente nos membros superiores (dor, parestesias, sensação de peso e fadiga).

As lesões por esforço repetitivo e/ou os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho podem surgir a partir da contribuição de algumas situações, incluindo o ritmo acelerado, a pressão explícita, metas inatingíveis, jornada de trabalho prolongada, a não realização de pausas para as refeições, a execução de elevados número de movimentos repetitivo por longo tempo e também o mobiliário ergonomicamente mal projetado (BRAVIN, 2013).

O desenvolvimento de LER/DORT pode ser favorecido devido a alguns fatores determinantes como é o caso de trabalhadores que têm posturas inadequadas no exercício de sua função, além do estado físico em que o homem se encontra, das máquinas e equipamentos que estão dispostos nos locais de trabalho, do conteúdo das tarefas, da cadência e ritmo de trabalho e também da frequência e duração das pausas (BRASIL, 2001).

2.2 Estresse

Pode-se afirmar que o sofrimento psíquico dos trabalhadores, está relacionado com a carga de trabalho mental demandada pelo sistema capitalista, juntamente com a urgência de tempo, excesso de responsabilidade, falta de apoio, cobranças internas, culminando com o estresse dos trabalhadores (SÉPE, 2011).

Olhando pela perspectiva fisiológica, é de responsabilidade do estresse as alterações provocadas para preparar o organismo dos indivíduos para o enfrentamento ou superação das fontes de pressão excessivas. O estresse é resultado da falta de equilíbrio do organismo quando se depara com pressões psíquicas do meio e com a estrutura psíquica do indivíduo (PEREIRA; ZILLE, 2010).

Sobre o desgaste profissional, Silva (2013) expõe que este pode causar algum tipo de doença nas pessoas; para isso existem alguns fatores como, por exemplo, os agentes de natureza diversas, seja física, biológica, mecânica, social, como conjunto de características pessoais que são a personalidade, modo de reação ao estresse etc.

Uma importante citação que Silva (2013) faz é em relação aos sintomas derivados do estresse no trabalho relacionados às mudanças no organismo. Para o autor, os sintomas são dor de cabeça, dificuldade para dormir, constipação, diarreia, irritabilidade, falta de energia, falta de concentração, comer demais ou não comer, raiva, tristeza, risco aumentado de crises de asma e artrite, tensão emocional, cólica estomacal, inchaço do estômago, problemas de pele, depressão, ansiedade, ganho ou perda de peso, problemas no coração, pressão alta, síndrome do intestino irritado, diabetes, dor nas costas e/ou pescoço, menor apetite sexual e dificuldades para engravidar.

2.3 Doenças relacionadas à exposição ao sol

Apesar de a luz solar ser fundamental para a saúde humana, é muito comum encontrar pessoas que têm algum tipo de doença que estão diretamente relacionadas com a exposição à luz ultravioleta. Esta luz, como expõe Simis e Simis (2006) está dividida em UVC (200-290nm) que é quase em sua totalidade absorvida pela camada de ozônio, UVB (290-320nm) que é a causadora de algumas doenças como eritema, pigmentação e alterações que causam o câncer cutâneo, UVA (320-400nm) que é a que causa, além da pigmentação e o câncer, da fotossensibilidade.

Lucena et al. (2012) explicam que pessoas que trabalham ao ar livre estão mais suscetíveis ao fotodano, recebendo uma dose de UV oito vezes maior do que pessoas que trabalham em ambientes fechados, fazendo com que estejam mais sujeitas ao desenvolvimento de doenças solares, porém tal conhecimento não é usado para que se inicie programas de prevenção no ambiente de trabalho em medicina ocupacional.

Lucena (2011) afirma que são os olhos e a pele sofrem mais com os efeitos decorrentes da radiação UVB nos humanos, chegando ao ponto de desenvolver eritemas, que são uma resposta inflamatória dos tecidos, irritação dos olhos e queimaduras de peles que são equivalentes a lesões de segundo grau. Outros tipos de lesões malignas causadas pela exposição ao sol são a queilite actínica, ceratose solar, corno cutâneo, efélides, lentigo solar, lentigo maligno, lentigo maligno melanoma, leucoplasia e eritroplasia. Já as lesões malignas de pele e mucosa nos seres humanos são classificadas em dois grupos que são o câncer de pele não melanoma e melanoma.

2.4 Doenças infecciosas e parasitárias

As doenças infecciosas e parasitárias têm agentes etiológicos de natureza não ocupacional que estão disseminados no meio ambiente e são dependentes de condições ambientais e de saneamento e da prevalência dos agravos na população geral, que são vulneráveis às políticas ambientais e de saneamento e também da qualidade dos serviços de saúde, ou seja, a ocorrência dessas doenças é dependente das condições ou circunstâncias em que o trabalho é executado, e também da exposição ocupacional, favorecendo assim o contato, o contágio ou a transmissão (BRASIL, 2001).

Existem fatores de risco biológicos que estão em situações de trabalho e incluem os quadros de infecção aguda e crônica, parasitoses e reações alérgicas e tóxicas a plantas e animais. Essas infecções podem ter suas causas relacionadas às bactérias, os vírus, as riquetsias, as clamídias e os fungos, já as parasitoses estão associadas aos protozoários, os helmintos e os artrópodes, esses artrópodes podem atuar em hospedeiros intermediários e ocasionar as parasitoses. Além disso, há substâncias alérgicas, irritativas e tóxicas são produzidas por diversas plantas e animais que podem entrar em contato com trabalhadores (BRASIL, 2001).

3 Metodologia

O tipo pesquisa utilizado no trabalho desenvolvido é de abordagem qualitativa, pois através dela é possível compreender melhor o grupo social pesquisado, analisar dados que não podem ser de alguma forma quantificados. Sobre isto, Gerhardt e Silveira (2009) argumentam que a pesquisa qualitativa não está preocupada com a representatividade em números, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou organização, e que quem utiliza os métodos qualitativos está buscando uma explicação para o porquê das coisas, sem quantificar os valores e as trocas simbólicas por se tratar de dados não-métricos e se valerem de diferentes abordagens.

Nessa perspectiva, o presente trabalho enquadra-se como qualitativo por buscar conhecer as doenças que podem ser desenvolvidas pelos feirantes, bem como coletar dados com o objetivo de traçar o perfil dos feirantes e conhecer o cotidiano laboral das pessoas envolvidas na problemática do trabalho.

O lócus da pesquisa foi a feira livre do município de Capela em Alagoas, e assim em vários outros municípios brasileiros, é de grande importância para o desenvolvimento da economia. Também, a exemplo de muitas feiras, a feira livre capelense não tem datada a sua origem, porém o que se sabe é que essa cultura iniciou-se há décadas e até hoje permanece, é certo que se percebe que o quantitativo de barracas e consumidores vêm diminuindo consideravelmente nos últimos anos, sendo influenciadora, além da economia, das relações sociais e da cultura. O convívio com a realidade laboral na feira livre de Capela acompanhado com a questão da segurança no trabalho impulsionou a escolha deste ambiente trabalhista para o desenvolvimento da pesquisa.

De acordo com informações da prefeitura da cidade de Capela, a feira livre atualmente tem um número total de 450 barracas e ocupa o espaço de quatro vias do centro da cidade. As barracas são montadas na quinta feira a tarde, e em algumas delas as mercadorias são colocadas para a comercialização na sexta feira a tarde, e o restante é colocado para a comercialização na madrugada do sábado. Entre os produtos comercializados estão frutas, raízes, verduras, peixes, moluscos, carnes, pães e bolachas, farinha de mandioca e grãos, roupas e calçados, lanches, entre outros.

Sobre a escolha dos participantes da pesquisa, primeiramente se esclarece que se utilizou de critérios não probabilísticos para tal. Ademais, pode-se afirmar também que os participantes da pesquisa foram selecionados a partir do critério da tipicidade, que segundo Prodanov e Freitas (2013) trata-se de um tipo amostral não probabilística no qual se seleciona um subgrupo considerado representativo da população.

Como métodos de coleta de dados adotou-se a entrevista semi-estruturada e a produção de fotografias (dados áudio-visuais). A entrevista é uma forma de interação social, de diálogo assimétrico, buscando, por parte do investigador, coletar dados através do entrevistado, que é a fonte de informação (GIL, 2008).

Foram realizadas 20 entrevistas com pessoas que trabalham na feira de Capela. Para preservar o anonimato dos entrevistados, eles foram identificados pela letra E e um número sequencial, e todos eles assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Outra forma importante de coletar e apresentar dados, foi a abordagem visual - "um enfoque metodológico no qual o pesquisador utiliza as imagens como fonte de

dados ao estudar um fenômeno social, sejam elas imagens estáticas (fotografias) ou imagens em movimento (filmes e vídeos)” (MENDONÇA; MELO; PADILHA, 2011, p.16675). Na presente investigação, considerou-se que as fotografias são gravações detalhadas de fatos, e que proporcionam uma apresentação mais abrangente e holística de estilos e condições de vida (FLICK, 2009).

4 Discussão dos dados

Os dados serão apresentados e analisados conforme os objetivos propostos para este trabalho. Sendo assim, em referência a **traçar o perfil dos feirantes**, pode-se afirmar que os participantes da pesquisa têm idades que variam entre 23 e 85 anos. Em relação ao nível de escolaridade, pode-se ver que existem, trabalhando na feira, pessoas que nunca estudaram, outras que têm o ensino fundamental incompleto, algumas com ensino médio incompleto e completo e pessoas que estão cursando o ensino superior, sendo que estão em maior número os que têm o ensino fundamental incompleto.

Pode-se perceber nas observações realizadas durante a pesquisa que em relação ao gênero dos feirantes na feira livre de Capela há um equilíbrio numérico, ou seja, a quantidade de homens e mulheres é semelhante.

Quando perguntados sobre os levou a serem feirantes, os entrevistados disseram que o maior influenciador para que se tornassem feirantes foi o desemprego, e conseqüentemente a necessidade de ajudar a família financeiramente. Este fato encontra amparo em Mascarenhas e Dolzani (2008), ao afirmarem que essa é a forma de sobreviver que muitas famílias encontram, e que gera emprego e renda e conseqüentemente oferece ao consumidor mais uma alternativa de adquirir os produtos.

Outros entrevistados relataram que tiveram motivos diversos: “A oportunidade de ter uma nova fonte de renda e o fato de atuar no ramo do empreendedorismo” (E01); “O sonho de ser independente, de trabalhar para mim mesmo contribuiu para que me tornasse feirante” (E02). Os demais entrevistados disseram que entraram neste ramo através da tradição familiar, ou seja, herdaram de seus pais, avós. Sobre isso, Ribeiro et al. (2005) esclarecem que a feira livre é um lugar da reprodução da identidade e da cultura das muitas agriculturas familiares, ou seja, essa é uma cultura, uma tradição que mostra mais que apenas o ato de passar de pai para filho, mas que traz consigo a identificação de um povo.

Os dados evidenciaram ainda que o desgaste físico sofrido pelos feirantes começa na viagem que fazem para comprar as mercadorias, em especial, o perigo nas estradas é mais um fator de risco para eles. O entrevistado E04, por exemplo, transporta sua mercadoria com aproximadamente 60kg em uma bicicleta por 10km, distância entre as cidades de Cajueiro e Capela; esse feirante já ultrapassa a idade de 64 anos e esse deslocamento juntamente com o peso, constituem-se em fatores que contribuem ainda mais seu desgaste físico.

Com relação ao **cotidiano laboral dos feirantes**, quando questionados sobre o horário de chegada todos eles responderam que chegam muito cedo para trabalhar: “Na sexta-feira chego na feira ao meio dia e no sábado às 4 horas da manhã” (E05), outros cinco entrevistados chegam no mesmo horário no sábado, seis deles chegam às 5 horas da manhã, e mais dois chegam às 6 horas; os entrevistados E07 e E08 são os que chegam mais cedo na feira, por volta das 3 horas da manhã, e os demais chegam na feira entre 3:30 horas e 7 horas da manhã. Esta condição, juntamente com o pouco tempo de descanso e o horário que

terminam os trabalhos, pode se tornar um fator determinante para o desenvolvimento de doenças ocupacionais pelos feirantes.

Para se locomover até a feira são usados diferentes meios de transporte. A grande parte dos entrevistados locomovem-se a pé, transportando toda a mercadoria em um carro de mão: “Vou caminhando e outras pessoas transportam os produtos do sítio para a feira” (E03); “Como moro perto vou andando, e a mercadoria fica estocado em um local bem próximo a barraca” (E08); “Locomovo-me a pé mesmo tendo a ajuda do meu pai e da minha irmã para levar todos os produtos” (E01); “Pego um transporte complementar (micro-ônibus) na cidade de Cajueiro, desço em Capela e pego minha mercadoria na casa de familiares para assim levá-las à feira” (E06). Em comum, esse grupo de entrevistado passa novamente por situações de desgaste físico quando de sua locomoção à feira: aqueles que vão a feira empurrando um carro de mão podem adquirir problemas relacionados à coluna, por exemplo. Os entrevistados E04, E05 e E09 locomovem-se de bicicleta, motocicleta e carro respectivamente, e, supostamente, com menor desgaste físico.

Do grupo de entrevistados, cinco deles trabalham na feira há dez anos, enquanto três há dezoito anos e outros dois há doze anos. O entrevistado E01 é o que está a menos tempo trabalhando na feira; há onze meses, e oito têm um tempo de trabalho na feira que varia de três a trinta anos. O tempo de trabalho pode ser considerado fundamental para definir o número de doenças relacionadas ao trabalho que os feirantes podem ter, e quanto mais tempo de exposição maior é o risco.

Em todo esse tempo de trabalho além de chegar muito cedo na feira, os entrevistados passam muitas horas trabalhando. Como citado por Bravin (2013) a jornada de trabalho prolongada, a não alimentação por um longo período, o grande número de movimentos repetitivos e várias outras situações podem levar os feirantes a desenvolver distúrbios osteomusculares, e foi esse quadro descrito pela maioria: alguns chegam a trabalhar por mais de 8 horas durante a feira, enquanto que outros não têm tempo de se alimentar e descansar.

Questionados sobre as dificuldades encontradas no trabalho na feira, os entrevistados tiveram a oportunidade de expressar algumas das situações pelas quais estão expostos: “Fico muito tempo em pé, e acabo perdendo a postura correta, ficando com dores nas costas ao longo do dia, sem contar a dificuldade em vender os produtos” (E01). Essa situação relatada pelo entrevistado E01 é semelhante aos demais e pode levá-los a desenvolver problemas como LER ou DORT conforme explicado por Brasil (2012) ao explicar que esses problemas são causados quando se usa o sistema musculoesquelético em excesso sem ter um tempo necessário para se recuperar e são caracterizados por dores, parestesias, sensação de peso e fadiga.

Outros entrevistados citam as seguintes dificuldades: “As dificuldades que encontro são duas: no verão é a temperatura muito elevada, e no inverno são os alagamentos” (E02); “O que mais me incomoda é o meu local de trabalho, o mercado das carnes, que não está em boas condições estruturais” (E05), além dos problemas na estrutura (goteiras, reboco desgastados), percebe-se também a presença de muitos animais no mercado das carnes; “A temperatura muito elevada e também o fato de se molhar quando chove são as minhas dificuldades” (E03 e E20).

Estas situações podem favorecer o surgimento de problemas como expõem Lucena et al. (2012): ao trabalhar ao ar livre as pessoas ficam passíveis ao foto dano, e recebem doses altas de UV, o que pode trazer doenças solares. De outro lado, os alagamentos citados pelos entrevistados os expõem às doenças parasitárias e infecciosas.

A situação encontrada na feira de Capela alinha-se ao que afirma Brasil (2001) sobre fatores de risco biológicos que estão em situações de trabalho e que incluem os quadros de infecção aguda e crônica, parasitoses e reações alérgicas e tóxicas a plantas e animais. Esses foram citados pelos entrevistados, que estão constantemente em contato com os raios UV, na ocorrência de alagamentos entram em contato direto com a água suja e ainda têm de lidar com a presença de muitos animais portadores e transmissores de diversas patologias, deixando as condições de higiene bastante precárias, podendo ocasionar doenças infecciosas.

Ademais, todos estes problemas enfrentados pelos entrevistados (alagamentos, vendas ruins, insegurança, calor, entre outros) podem colocá-los em estado de estresse (SILVA, 2013).

Também foi visto que em alguns pontos encontra-se muita sujeira, até mesmo sangue de animais que são abatidos na rua; em dias de chuva a situação em certos pontos da feira fica complicada pelo fato de haver inundações. Devido a este fato algumas doenças podem se desenvolver, principalmente as parasitárias e infecciosas. Brasil (2001) cita um grupo de doenças relacionadas ao trabalho, entre elas estão a leptospirose, o tétano, a dengue, a febre amarela, a doença dos trabalhadores de aves e várias outras.

Outra indagação feita foi em relação à alimentação e descanso. Os entrevistados E03, E04, E10 e E18 disseram que compram lanche em outra barraca. Outros responderam da seguinte maneira: “Faço o pedido e tem alguém que me traz o lanche” (E05); “O meu lanche levo de casa mesmo” (E06); “Faço a alimentação na própria barraca, pois trabalho com lanches” (E13); “Alimento-me apenas antes de sair de casa, e depois apenas quando chego da feira” (E09). Os demais entrevistados informaram que não têm tempo para a alimentação. Do mesmo modo, a maioria dos entrevistados não têm tempo para descansar, e alguns realtaram que o tempo que têm para descanso é muito pouco. Como exposto anteriormente, a má alimentação pode ocasionar doenças, bem como a falta de descanso e outros meios.

O tempo que permanecem em pé durante a feira também foi tratado nas entrevistas, e quatro dos participantes disseram permanecer o tempo todo em pé. Outros responderam de formas diferentes: “Fico aproximadamente 4 horas” (E13); “O tempo que fico em pé de mais ou menos 6 horas” (E09); “Não fico em pé, pois quem fica no atendimento é a minha esposa. Os demais entrevistados não souberam responder exatamente a quantidade de horas que permanecem pé durante os trabalhos como feirante. Falando sobre a proteção das barracas, quase todos responderam que a única proteção é a lona plástica que cobrem as mesmas, e apenas dois deles respondeu de forma diferente: “Armo uma tenda por cima da banca de madeira” (E13); “Trabalho dentro do mercado de carnes” (E05).

A proteção das barracas é de suma importância, e não a tendo os trabalhadores estão sujeitos a anomalias, principalmente aquelas relacionadas à exposição aos raios ultravioletas. Já foi dito por Simis e Simis (2006) que a radiação ultravioleta se encontra em três estágios (UVA, UVB e UVC), e a exposição à UVA e UVB pode trazer as pessoas doenças como: eritema, câncer cutâneo e a fotossensibilidade. Na feira de Capela, segundo os entrevistados, existe apenas a lona plástica que talvez seja insuficiente para proteção contra os perigos dos raios solares e de outros agentes causadores de doenças.

Todo o exposto acima juntamente com a postura incorreta encontrada traz riscos ergonômico aos feirantes afetando a saúde deles. Explicando, Brasil (2001)

chama atenção que as posturas inadequadas juntamente com o estado físico em que o homem se encontra podem favorecer o desenvolvimento de LER e DORT.

Sobre a **identificação dos tipos de doenças ocupacionais desenvolvidas pelos feirantes**) foram obtidas as seguintes respostas: “Tenho um problema sério de gases e também varizes nas pernas, várias vezes passei mal trabalhando devido ao problema de gases, e isso atrapalha” (E02); “Por conta da alta temperatura e tomando água gelada com o corpo quente, tenho dor de cabeça e já gripei também” (E03); “Muitas vezes estive com pressão alta, talvez seja por conta da alta temperatura” (E07 e E12); “O que tenho é muito estresse na feira. As consequências podem vir na velhice com o aparecimento de outras doenças” (E08); “Já adoeci com a pressão alta, gripe e dores nas pernas” (E11); “Já gripei por conta da chuva, ficando indisposto para trabalhar” (E13); “Uma vez me sente mal durante a feira, uma agonia, não sei explicar direito, aí me levaram ao hospital e fui medicado” (E16); “Várias vezes me senti muito cansado, pois tenho problema no coração” (E17); “Uma vez passei por uma crise de vômito e dor de cabeça quando estava trabalhando” (E19); “Algumas vezes adoeci de virose logo após chegar da feira” (E20).

Evidentemente que alguns dos problemas citados têm causas que não necessariamente estão relacionadas à feira, porém alguns dos entrevistados falam em problemas relacionados a alta temperatura, estresse, gripe e dores nas pernas; todos estes estão dentro do grupo de doenças ocupacionais que atingem muitos dos trabalhadores.

Outro ponto debatido foi se o trabalho na feira e a exposição a fatores de risco (a chuva, o frio, o calor intenso, os alagamentos, o excesso de sonoridade) podem ser um fator para o desenvolvimento de doenças. Obteve-se respostas unânimes: “O calor excessivo nos causa incômodo e estresse, assim como a poluição sonora pela conversação das pessoas e os aparelhos de mídia de outros feirantes” (E01); “Principalmente os alagamentos podem nos causar doenças, e também tem a questão do calor forte que causa dor de cabeça” (E03); “Podemos contrair, através dos alagamentos, doenças na pele” (E04, E08, E09 e E17); “Além dos alagamentos que podem causar doenças, também tem o calor forte que causa doença na pele e desidratação” (E06 e E18); “o excesso de barulho causa estresse, os alagamentos podem transmitir algumas doenças e o calor intenso causa fadiga e dor de cabeça” (E13); “Pela exposição se pode gripar, e no meu caso, como trabalho com máquina, é preciso que se tenha EPI por conta do barulho” (E16); “Sim, no frio se pode contrair virose, quando se tem alagamentos o perigo é a leptospirose e em relação ao barulho, você fica estressado” (E20).

Um fato curioso em relação às respostas dos entrevistados foi que a maioria dos entrevistados está ciente que pode adoecer em decorrência dos fatores de risco que existem no local de trabalho, mas mesmo assim permanecem, pois não têm muita opção se tratando de emprego, como reforçam Mascarenhas e Dolzani (2008).

Discutido com os entrevistados como eles se sentem fisicamente após o trabalho na feira, a maioria se queixou de muito cansaço, outros além de cansados sentem dor de cabeça ou ficam muito estressados. Sobre a hipótese de a saúde dos entrevistados ter melhorado, piorado ou continuar sendo a mesma se obteve respostas diversas: “Continua sendo a mesma, pois depois de dormir um pouco, o cansaço passa” (E03); “Minha saúde piorou, pois de uns tempos para cá sinto um incômodo na garganta como se fosse catarro, mas não sei nada” (E04); “Mudou um pouco por conta do cansaço e estresse” (E05); “Sinto que melhorou, pois antes de trabalhar na feira, trabalhava em um local que cansava mais” (E06); “Por conta do

tempo que trabalho na feira acredito que tenha piorado, além disso vivo cansado e estressado” (E08); “Minha saúde continua sendo a mesma, pois trabalho na feira desde criança” (E09); “Como não sinto nenhum problema, acho que continua sendo a mesma” (E10); “Não tenho certeza, mas pelo que foi citado nas outras perguntas creio que tenha piorado” (E13); “Piorou por conta da idade” (E18).

Como observado em respostas anteriores muitos entrevistados citam a dor de cabeça e principalmente o estresse, seja ele durante, após o trabalho na feira ou no dia a dia como problema de saúde permanente. No geral, a maioria deles expressou que a saúde piorou depois de ter começado os trabalhos como feirante.

Considerações Finais

Voltando aos conceitos iniciais, procurou-se responder através desta pesquisa, de que forma as condições de trabalho na feira-livre da cidade de Capela-AL relacionam-se com o possível desenvolvimento de doenças ocupacionais pelos seus feirantes. Para tanto se buscou identificar o perfil dos feirantes de Capela, descrever o cotidiano laboral deles dando ênfase as condições de trabalho e identificar as doenças ocupacionais que são desenvolvidas pelos trabalhadores da feira.

Em relação ao primeiro objetivo da pesquisa que foi o de identificar o perfil dos feirantes, pôde-se ver que os mesmos têm idades variando entre 23 e 85 anos, onde há um equilíbrio entre a quantidade de homens e mulheres, têm escolaridade bastante diversificada com alguns que nunca estudaram e outros que chegam a ter o ensino superior incompleto. Os feirantes trabalham na feira para ajudar a família, por questão de desemprego, ou até mesmo por tradição familiar. Comercializam variados produtos e conseguem os mesmos de diferentes maneiras: em Caruaru/PE, no CEASA em Maceió/AL, na Mafrips em Rio Largo/AL ou nas proximidades do município de Capela/AL.

O segundo objetivo da pesquisa foi descrever o cotidiano laboral dos feirantes, e se observa que a maior parte deles é de Capela, trabalham aos sábados, chegam nas primeiras horas da manhã e voltam para casa próximo ao meio dia, locomovem-se de diferentes meios, sejam eles de carro, a pé ou em ônibus intermunicipal. Com relação ao tempo de trabalho, diferentes são os intervalos, alguns têm dez, doze anos ou até mesmo quarenta anos. No decorrer do tempo de trabalho os feirantes encontraram, ou encontram, dificuldades como o muito tempo em pé, os alagamentos, alta temperatura, más condições estruturais, presença de muitos animais, entre outros. Os feirantes não têm muito tempo para se alimentar ou descansar, não tem muita proteção em suas barracas e ainda fazem esforços físicos para transportar as mercadorias e arrumar as barracas.

Sobre o terceiro objetivo, que foi identificar os tipos de doenças desenvolvidas pelos feirantes, muitos dos feirantes já passaram mal na feira, e alguns dos problemas citados foram estresse, dores nas pernas e gripe, estas três estão inseridas no grupo de doenças consideradas ocupacionais. Sobre os fatores de risco, os feirantes falam mais do forte calor e dos alagamentos, neste último dão ênfase a possível contaminação por leptospirose. O número de problemas que os entrevistados já desenvolveram é grande, como mostrado na tabela 3, e todos eles estão no grupo de doenças ocupacionais relacionadas ao trabalho, assim como a tendinite, artrose e hérnia de disco que também foram citadas. Ainda, sobre como os feirantes se sentem após o término dos trabalhos na feira, os dados mostram que se sentem muito cansados, estressados e com dor de cabeça, e a saúde da maioria piorou desde quando começaram a trabalhar na feira.

Respondendo à pergunta de pesquisa, as condições de trabalho na feira livre da cidade de Capela/AL estão relacionadas com o possível desenvolvimento de doenças ocupacionais pelos seus feirantes através do que foi exposto anteriormente. O fato de os feirantes acordarem muito cedo e ficarem longos períodos trabalhando, passando horas e mais horas de trabalho no calor intenso, pode lhes causar doenças gravíssimas, a chuva que muitas vezes causa alagamentos que trazem doenças infecciosas e parasitárias, a presença de animais entre as pessoas também é favorável à transmissão de doenças, o lixo acumulado em alguns pontos, bem como a falta de higiene como, por exemplo, a matança de animais a céu aberto, as condições estruturais precárias como no mercado das carnes, a longanimidade de tempo em que os feirantes permanecem em pé e sem ter tempo para descansar, podendo este ser um fator para o desenvolvimento de LER ou DORT, diversas situações que levam ao estresse, tudo isso está relacionado com o desenvolvimento de doenças ocupacionais.

Enfim, a realidade vivenciada pelos feirantes de Capela não parecer ser distinta àquela encontrada nas investigações de Ferreira et. Al (2009), Carvalho e Aguiar (2017) em diferentes regiões do país. Realizando esta pesquisa percebeu-se que são muitos os obstáculos enfrentados pelos feirantes. Agentes causadores de doenças ocupacionais estão presentes no ambiente de trabalho dos feirantes, e esses agentes, como mostrado anteriormente, afetam boa parte da população que vive do comércio na feira, trazendo prejuízos não só para os comerciantes, mas para aqueles que convivem com eles. Para mudança desse quadro, a interferência do poder público é de extrema importância para reduzir o número dessas ameaças à saúde humana, da mesma forma os feirantes precisam atentar para pequenos atos que podem ajudá-los a ganhar o pão de cada dia sem ter que se preocupar com problemas que em muitas ocasiões poderiam ser evitados.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde do Trabalhador. **Diagnóstico, tratamento, reabilitação, prevenção e fisiopatologia das LER/DORT**. Brasília – DF: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: <

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diag_tratamento_ler_dort.pdf>. Acesso em: 30 de abril de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador. **Dor relacionada ao trabalho: lesões por esforços repetitivos (LER): distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (Dort)**. Brasília - DF: Ministério da Saúde, 2012.

Disponível em: <

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/dor_relacionada_trabalho_ler_dort.pdf>. Acesso em: 30 de abril de 2019.

BRAVIN, Aline Ferreira. **Doenças ocupacionais um estudo nas instituições financeiras do município de Cacoal/RO**. Universidade Federal de Rondônia, Cacoal – RO, 2013.

CARVALHO, J. J.; AGUIAR, M. G. Qualidade de vida e condições de trabalho de feirantes. **Rev. Saúde Coletiva UEMS**, Feira de Santana, 7(3): 60-65, 2017.

COSTA, Lílian G. A. Duarte da. **A importância da prevenção de acidentes de trabalho e doenças ocupacionais para a capacidade produtiva organizacional**. Universidade Federal de Rondônia. Cacoal - RO, 2007.

FERREIRA, L. C.; PEREIRA, T. S.; SANDOVAL, R. A.; VIANA, F. P. Avaliação da qualidade de vida de trabalhadores feirantes. **Revista Movimenta**; v. 2, n. 4 112-120, 2009.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Editora da UFRGS, Porto Alegre – RS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. <<https://www.cadaminuto.com.br/noticia/338887/2019/05/12/feira-livre-deu-origem-ao-desenvolvimento-de-arapiraca>>. Acesso em: 25 de julho de 2019.

LUCENA, E. E. de S. **Prevalência e fatores associados a lesões labiais e periorais decorrentes da exposição solar em trabalhadores de praias**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal – RN, 2011.

LUCENA, E. E. de S.; COSTA, D. C. B.; SILVEIRA, É. J.D. da; LIMA, K. C. de. **Prevalência de lesões labiais em trabalhadores de praia e fatores associados**. Revista de Saúde Pública. Natal – RN, 2012

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S.. **Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea**. Ateliê Geográfico. Goiânia – GO, 2008.

MENDONÇA, J. R. C.; MELO, R. C. B.; PADILHA, M. A. O Atlas.Ti para a análise de fotos na pesquisa qualitativa: uma discussão ilustrada sobre os métodos visuais na educação. In **Anais..X Congresso Nacional de Educação/EDUCURE**, 2011, p. 16672-16693.

PEREIRA, L. Z.; ZILLE, G. P.. **O estresse no trabalho: uma análise teórica de seus conceitos e suas inter-relações**. Revista Gestão e Sociedade CEPEAD/UFMG, 2010. Disponível em: <<https://www.gestoesociedade.org/gestoesociedade/article/view/923>>. Acesso em: 04 de maio de 2019.

PORTE, C.S. **Doenças ocupacionais e profissionais**. Fundação Educacional do Município de Assis. Assis, 2013. Disponível em: <<https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/1011261355.pdf>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E.C.. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e trabalho científico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIOS, M. A.; VILELA, A. B.; NERY, A. A. O trabalho e a saúde de açougueiros idosos: relato de casos em um mercado municipal. **Rev. Bras. Geriatria Gerontologia**, Rio de Janeiro, 20(5): 644-650, 2017.

RIBEIRO, E. M.; CASTRO, B. S. de; SILVESTRE, L. H.; CALIXTO, J. S.; ARAÚJO, D. P.; GALIZONI, F. M.; AYRES, E. B.. Programa de apoio às feiras e à agricultura familiar no Jequitinhonha mineiro. **Agriculturas**, v. 2, n. 2, jun. 2005.

SÉPE, Ana Carla Horst. **Estresse x trabalho: qualidade de vida nas organizações**. Centro Universitário Filadélfia. Londrina – PR, 2011.

SILVA, Karina Ramos da. **O estresse no ambiente de trabalho: causas, consequências e prevenções**. Fundação Educacional do Município de Assis. Assis – SP, 2013. Disponível em: <<https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/1011261124.pdf>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

SIMIS, Tatiana; SIMIS, Deborah Regina Cunha. **Doenças da pele relacionadas à radiação solar**. Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba. Sorocaba-SP, 2006. Disponível em: <

<https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/74>>. Acesso em: 06 de maio de 2019.